



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Clarice e Henfil

Em seus escritos, Clarice Lispector procurou desentranhar o mistério de seres e de coisas e nos empurrar para perto do coração. Esse traço provocou um equívoco: o de considerar que era uma mulher alienada das grandes questões sociais e dramáticas do Brasil. No entanto, ela sempre teve um agudo sentimento do mundo.

Quando era muito jovem e estudava direito, idealizou um projeto para

reformular as penitenciárias. Mais tarde, em 1968, fotos mostram Clarice ao lado de Oscar Niemeyer, Glauber Rocha e Milton Nascimento na famosa passeata dos 100 mil que mobilizou os intelectuais do Rio de Janeiro para protestar contra a ditadura militar que se instalara. Além disso, mobilizou-se para ajudar pessoas que eram perseguidas pelo regime.

Aquela virada das décadas de 1960 e 1970 forjou uma constelação de pessoas brilhantes. E uma delas era o cartunista mineiro Henfil. É inacreditável: com o simples traço de humor, ele influía sobre os acontecimentos. Tinha um instinto popular apurado e uma verve hilariante; o que ele inventava, pegava.

Basta lembrar que o apelido de torcida do urubu dado à nação rubro-negra do Flamengo saiu das tirinhas que Henfil publicava no *Jornal do Brasil*.

Henfil inventou nas páginas de *O Pasquim* a série *Cemitério dos Mortos-Vivos*, na qual enterrava personalidades que simpatizavam, aderiam, se omitiam ou colaboravam com a ditadura. Por lá, passaram Pelé, Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre e Rachel de Queiroz, entre outros. O dono do cemitério era o Caboco Mamadô, descrito em um desenho por Henfil, como “filho natural de Exu com Tony Tornado”.

Clarice ficou ofendidíssima quando se viu subterrada no jazigo da polêmica coluna. No livro *A procura da própria*

coisa — *Uma biografia de Clarice Lispector*, Teresa Montero faz uma preciosa e minuciosa reconstituição do episódio. Acompanhemos o relato de Teresa. Na coluna do Henfil, o nome de Clarice é grafado com dois esses.

“Ara viva! Clarisse Lispector morta-viva!”. Um balão em cima da cabeça de Clarice dá voz a ela: “Estou chocada! Traumatizada com tanta agressividade contra esta pura e ingênua poeta! Que fiz para receber este pontapé do jovem humorista Henfil?” E o Cabôco comenta: “Êta ferro! O filho da D. Maria não tá livrando a cara nem dos intelectuais de centro...”

Na última tira, Clarice aparece numa redoma de vidro lavando as mãos, ao lado de pássaros e flores. E, em outra, o soldado

crucifica Cristo. Clarice afirmou que, no início, ficou muito zangada, porque Henfil não a conhecia o bastante para saber o que pensava ou não. “Não estou isolada dos problemas. Fiquei meio aborrecida, mas depois passou. Se eu me encontrasse com ele, a única coisa que eu diria é: olha, quando você escrever sobre mim, Clarice, não é com dois esses, é com c, viu? Só isso que eu diria a ele. Mais nada.”

Muito tempo depois, em uma entrevista para o livro *Furacão Elis*, Henfil reconheceu que havia errado com relação a Clarice e a Elis. Acho que o Henfil foi mesmo injusto com Clarice e Elis. Mas a crítica social é necessária. Se fosse vivo, Henfil teria muitos candidatos a figurar em sua tirinha.



» Entrevista | GABRIEL MAGNO (PT) | DEPUTADO DISTRITAL REELEITO

“Confio em viradas no DF”

Reeleito com 42 mil votos, pestista afirma que prioridades do segundo mandato serão definidas após o segundo turno das eleições

» DAVI CRUZ

Deputado distrital reeleito para o segundo mandato com cerca de 42 mil votos, Gabriel Magno (PT) afirmou que a prioridade, neste momento, é a campanha para o segundo turno das Eleições 2026. O parlamentar participou, ontem, do programa CB.Poder — parceria entre o *Correio Braziliense* e a TV Brasília. Em entrevista às jornalistas Ana Maria Campos e Sibe Negromonte, ele comentou a disputa eleitoral no DF, criticou a gestão do governo local e cobrou explicações sobre a crise envolvendo o Banco de Brasília (BRB) e o Banco Master.

Quais serão as prioridades neste novo mandato?

Temos 12 dias para o segundo turno das Eleições 2026 e nossa prioridade hoje tem sido essa. Desde 4 de outubro, não paramos ainda, porque continuamos na campanha. Afinal, é muito importante o que vai sair das urnas em 25 de outubro. Será um Brasil completamente diferente com o Lula ou com o Bolsonaro, e o próprio Distrito Federal com a Celina ou com o Leandro. Estou muito confiante de que é possível virar,

porque estamos vendo também algo que eu nunca tinha visto, que é o potencial de mobilização espontânea nessas últimas semanas. Comemoramos o resultado, porque tivemos o segundo maior crescimento da Câmara Legislativa de votos. Eu saí de 18 mil para 42 mil. Creio que isso é um reconhecimento da cidade do mandato que fizemos de enfrentamento. Fizemos um mandato coerente e que não mudou de lado. Não topamos o jogo da conciliação e não abrimos mão de posição em troca de cargo no governo, de liberação ou de emenda parlamentar.

A atenção para a disputa presidencial pode atrapalhar a campanha local?

Na verdade, elas são conectadas. Há um tema que paira na eleição, que é fundamental nesse processo da disputa do Estado brasileiro que é o Banco Master do Daniel Vorcaro. E o DF está no meio desse processo. O banco não foi enganado, porque a Celina passou muito tempo dizendo que isso aconteceu, mas foi vítima de uma gestão criminosa que tem o ex-presidente preso e que pelos relatos das investigações da Polícia Federal, o Ibaneis também foi parte do

Carlos Vieira CB/DA Press



Aponte a câmera e confira a entrevista completa

processo. Esse debate é muito importante para a eleição aqui no DF, porque a crise do Banco Master é responsável pela crise que nós estamos vivendo na cidade. A população está sofrendo muito com o caos que virou a saúde pública e a educação.

Qual será o futuro do BRB na CLDF?

Apresentei uma proposta para revogar o projeto da Celina, que é do empréstimo de R\$ 6,5 bilhões, que condena a cidade. Primeiro que não salva o banco, porque pelo relatório da Polícia Federal, o rombo é de mais de R\$ 20 bilhões. Essa medida condena a cidade a 15 anos sem reajuste salarial para professor, enfermeiro, assistente social, sem concurso públi-

co, sem investimentos sociais e sem capacidade de o DF ampliar investimentos, ou seja, atender às demandas da população. Essa solução que a Celina está apresentando não salva o BRB, mas condena a cidade e protege aqueles que roubaram.

Como você avalia a migração das eleições e campanhas para as redes sociais?

Precisamos fazer um debate profundo sobre democratização e acesso à transparência. As redes sociais são o monopólio de grandes empresas. Temos a constatação de como as redes sociais foram utilizadas para operacionalizar e interferir em resultados eleitorais em vários países do mundo, não só no Brasil. Essa semana mesmo, a Meta reconhece que teve o problema no algoritmo, na contagem de visualizações e de entrega dos vídeos da campanha do presidente Lula. Não é possível e não é tolerável que poucas pessoas que detêm tanto poder tenham essa capacidade de influenciar a soberania de um país no resultado de uma eleição. Onde há liberdade? É liberdade de quem tem muito dinheiro, liberdade dos trilhões que controlam o que cada um vai assistir na sua rede social.

Por que os partidos de esquerda perderam espaço nos últimos anos?

Há crescimento da extrema-direita no mundo todo, e não podemos ser negacionistas. Parte também não só por conta das redes, mas porque a esquerda também tem problemas. Sou um dos maiores defensores dos governos do PT que fizeram profundas transformações nesse país, mas não conseguiram também resolver o conjunto de demandas. O PT aumentou de tamanho. Houve um crescimento muito grande da extrema-direita, mas o PT também cresceu nas eleições.

Qual sua avaliação sobre a medida das bets do presidente Lula?

A eleição é para o movimento social uma oportunidade de avançar na pauta. Nas eleições, qualquer governo de esquerda ou de direita fica mais suscetível à pressão popular. Isso faz parte da democracia. Isso não é ilegal, não é imoral e faz parte de uma agenda de lutas da sociedade brasileira. A esquerda tem caminhos importantes para voltar a se conectar com as agendas do dia a dia do povo.

» Entrevista | RENATA D'AGUIAR (REPUBLICANOS) | DEPUTADA DISTRITAL ELEITA

“As mulheres devem ocupar espaços”

Na primeira disputa ao cargo, a ex-subsecretária da Mulher compartilha a trajetória em movimentos sociais e a atuação na pasta

» BEATRIZ MASCARENHAS

Eleita como deputada distrital em sua primeira disputa por uma vaga na Câmara Legislativa, Renata d'Aguiar (Republicanos) conquistou 28.172 votos e foi convidada do CB.Poder, programa do *Correio* em parceria com a TV Brasília, ontem. Em entrevista às jornalistas Denise Rothenburg e Ana Maria Campos, Renata relembrou a trajetória até a política e comentou sobre a futura atuação na Câmara, com a experiência de ex-subsecretária da Mulher e ativista do terceiro setor.

Como foi sua trajetória até chegar à área social?

Nasci no Rio de Janeiro e sempre servi em obras sociais, desde a infância. Quando cheguei a Brasília, passei no concurso para auditora federal aos 23 anos e busquei continuar realizando esse trabalho. Comecei a atuar com os catadores do lixo e fui voluntária em uma creche na região. Nesse contato, conheci as famílias e, quando subi ao maior lixão a céu aberto da América Latina, minha vida mudou completamente. Vi muitas mulheres trabalhando como catadoras, enquanto eu, tão jovem

quanto elas, estava ali como auditora. A única diferença entre nós era a oportunidade que eu tive, e elas não. Naquele dia, decidi trabalhar para levar oportunidades às pessoas. O trabalho cresceu, especialmente após o fechamento do lixão, período de muita dificuldade, mas conseguimos ajudar muitos catadores por meio do Reciclando o Futuro.

Como foi o trabalho com os catadores após o fechamento do lixão?

O fechamento aconteceu de forma abrupta. Muitos trabalhadores eram invisíveis para o Estado, não recebiam benefícios e não tinham outra fonte de renda. Vi de perto pessoas passando fome, porque conviviam com elas semanalmente. O governo construiu galpões para a separação de resíduos, mas nem todos tiveram acesso às cooperativas e, em alguns casos, o material disponível não era suficiente para garantir a renda. Ajudamos a oferecer capacitação em ofícios e empreendedorismo, além de apoiar a formação de cooperativas. Foi também quando comecei a atuar mais politicamente, buscando interlocução com o GDF para dar voz aos catadores.

ED ALVES/CB/D.A.Press



Aponte a câmera e confira a entrevista completa

O que despertou seu interesse pela política?

Foi viver essa desigualdade de perto e ver a fome entre pessoas que faziam parte do meu convívio. Em 2017, começamos a participar de palestras em faculdades e escolas, mas quem falava eram as próprias catadoras. Foi um processo de resgate da autoestima e do sentimento de

pertencimento. Acima de tudo, elas passaram a ser enxergadas.

Como foi sua atuação na Subsecretaria da Mulher?

Foi uma experiência única. No início, durante um trabalho na Penitenciária Feminina do Distrito Federal (Colmeia), as mulheres reclamavam que recebiam apenas protetores

de calcinha, e não absorventes. Ao investigar o motivo, descobrimos que o setor de compras era composto apenas por homens, que consideravam os produtos equivalentes ao analisar as descrições e os preços. Aquilo me mostrou a importância de nós, mulheres, ocuparmos todos os espaços para dar voz às nossas próprias necessidades e lutas.

O que é necessário para reduzir os casos de feminicídio no DF e no Brasil?

É preciso integrar as secretarias, garantir orçamento e priorizar as políticas públicas para as mulheres. Passei três anos na Subsecretaria da Mulher e entendi que essa responsabilidade não é apenas da pasta. A Segurança Pública e a Educação também precisam atuar, especialmente na formação das crianças, para que possamos transformar essa cultura desde a infância. Também precisamos combater a revitimização, ou violência institucional. A mulher deveria contar sua história uma única vez, e o Estado deveria trabalhar de forma integrada para atendê-la. Hoje, ela precisa repetir o relato em diferentes órgãos e, muitas vezes, é atendida por profissionais que não compreendem

a dor envolvida nesse processo. Eu vou estar lá na Câmara Legislativa fortalecendo em termos de recurso, em termos de diálogo, para que a gente possa ter essa integração.

Qual será o seu primeiro projeto como deputada?

Eu devo muito ao terceiro setor. Quero buscar estabelecer diretrizes entre as instituições da sociedade civil e o governo: seria um fórum, para que a gente possa fortalecer a voz das organizações sem fins lucrativos e incentivar a transparência das políticas públicas. É um projeto simbólico, seriam diretrizes para que haja esse diálogo. Um ponto que me marcou durante a minha passagem pela SMDF foi o meu contato com algumas mães atípicas que perderam seus filhos. Elas viviam em função deles e abriram mão das suas vidas profissionais, ficando, muitas vezes, dependentes do benefício social do filho. Elas vivenciam o luto da perda do filho e o luto financeiro, porque elas já não sabiam como trabalhar. Eu vou trabalhar com um benefício de transição para as mães atípicas. Quero ajudá-las a se recolocar na sociedade, no mercado de trabalho, para que elas possam se reerguer.